Não farás para ti imagem: Fé, política e pensamento mágico-imagético-circular[1]

Vinicius SOUZA[2]
Universidade Federal de Mato Grosso

RESUMO

Este texto trabalha com a hipótese de que estamos "lendo" e compreendendo todas as informações que nos chegam como se fossem imagens, inclusive os textos. E relaciona isso à preponderância dos esquemas de fé quase religiosa baseada em imagens para a construção de comunidades de ódio e intolerância que se disseminam e se alimentam pela comunicação nos meios digitais. O artigo faz parte de um projeto de pesquisa que analisa a mudança do modo de pensamento conforme apregoada por Vilém Flusser (2008, 2009). Para tanto, utiliza, além do citado, os pressupostos de autores como Manuel Castells, Jason Stanley, Reginaldo Prandi, Rubens Casara e Henrique Vieira.

PALAVRAS-CHAVE: Modo de pensamento; mágico-imagético-circular; religião; fake news; imaginário.

INTRODUÇÃO

Boa parte dos pesquisadores em comunicação já tem como consenso alguns dos efeitos do uso da internet, e principalmente das redes sociais, na polarização das sociedades, nos extremismos políticos e no fenômeno da negação da ciência. Está claro que as pessoas estão agindo mais motivadas pela emoção do que pela razão. E, entre as emoções, vencem as mais fortes, como medo, ódio e desejo. O professor Manuel Castells (PALESTRA..., 2019), falou sobre isso no seminário na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. Livros, como o organizado pela professora da Unifesp Ester Solano (2018), mostram a perplexidade diante do ódio como forma escolhida por grupos da extrema-direita para fazer política no Brasil. Documentários, a exemplo de *Privacidade hackeada* (2019), comprovam a manipulação de vastos contingentes eleitorais a partir da análise de comportamentos nas redes e seu uso para disseminar conteúdos falsos, muitos deles absurdos, se observados logicamente. E outros, como *A*

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagem e Imaginários, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Professor do Curso de Jornalismo e do curso de Mestrado em Comunicação e Poder na UFMT, e-mail: vgpsouza@uol.com.br

terra é plana (2018), atestam a que ponto se pode chegar na dissociação cognitiva com a realidade objetiva. De certa forma, há nisso grande semelhança com os sistemas religiosos, com a fé: a certeza sobre o que não podemos provar. Entretanto, paradoxalmente, em relação à maior adesão de grupos cristãos ou judeus, a confiança cega não está mais nas palavras de Deus, mas em imagens, visuais ou não, construídas e disseminadas midiaticamente.

A maior parte das observações acadêmicas sobre isso se concentra em descrever como o fenômeno funciona, especialmente nas redes digitais de comunicação, e suas implicações, seja nos relacionamentos interpessoais, de grupos sociais, na educação, na política institucional ou mesmo nas modificações na estrutura do cérebro. Porém, é possível observar que pouco se debate o porquê disso acontecer. Qual o mecanismo por trás do fenômeno, já que as mudanças nos sistemas de comunicação são o canal pelo qual isso acontece, e não o motivo da troca da razão pela emoção? Talvez, como previa Vilém Flusser (2009), o que esteja mudando de fato é a própria forma de pensamento da humanidade. Estamos saindo do modo de raciocínio baseado em textos (tempo-histórico-linear), que relaciona causas a efeitos e se tornou hegemônico com as religiões baseadas em livros sagrados, para o tipo de pensamento baseado em imagens (mágico-imagético-circular), no qual a relação é direta com o significado a partir do repertório interno, e não com os motivos ou consequências da cena.

Ora, a grande força da imagem é o seu impacto emocional, especialmente sobre emoções básicas como medo, ódio e desejo. Este texto, assim como os dois outros que o antecederam, (SOUZA, 2018, 2019) trabalha com a hipótese de que estamos "lendo" e compreendendo todas as informações que nos chegam como se fossem imagens, inclusive os textos. Contudo, diferente dos dois textos anteriores, pretendo me deter agora mais na questão da preponderância dos esquemas de fé quase religiosa baseada em imagens para a construção de comunidades de ódio e intolerância que se disseminam e se alimentam pela comunicação nos meios digitais.

Para tanto, recorrerei prioritariamente a fontes imagéticas – especialmente entrevistas, palestras e documentários, além de artigos e postagens disponíveis somente na internet. Afinal, penso que já passamos de uma sociedade textólatra, com o poder na mão dos intérpretes do conhecimento, laico ou religioso, de escritos e escrituras, para uma era da idolatria de mitos, ideias e imagens falsas, como a meritocracia, o neoliberalismo e a possibilidade de retorno aos "bons e velhos tempos" por meio da

violência. No mundo atual, orientado às imagens, ou deciframos o enigma de nos comunicarmos e nos relacionarmos imageticamente de forma mais solidária e racional, ou, da mesma forma que na mitologia grega da Esfinge de Tebas, seremos todos devorados.

COMUNICAÇÃO E ÓDIO

Em julho de 2019, o sociólogo Manuel Castells participou, na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, do Seminário Comunicação, Política e Democracia, organizado pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas (FGV-DAPP) da instituição. No dia seguinte, os principais jornais do país publicaram com destaque uma única frase: "o Brasil vive uma ditadura sutil". O termo ("sutil") usado por Castells pode não ter sido sua melhor escolha, já que de fato estamos vendo o desmonte diário de direitos, o esvaziamento dos mecanismos de participação política da sociedade civil, a militarização do governo, o ataque às instituições de ensino, um crescimento enorme no número de assassinatos cometidos por agentes do Estado, diversos casos de autoexílio por ameaças de morte devido a posicionamentos políticos e uma censura explícita sobre determinados conteúdos culturais, para não falar das acusações de genocídio indígena no Tribunal Penal de Haia e das consequências do tratamento governamental à pandemia de Covid-19.

Entretanto, se o modelo de ditadura, e mesmo do golpe de 2016, está realmente longe do que se viu no continente nos anos 1960 e 1970, as bases para a construção do fascismo estão postas no Brasil e em vários países, como demonstra o professor de Yale Stanley Jason, em palestra no Claremont McKenna College, em 2018. Logo na abertura do evento (0:30 min -1:40 min), o estudante e apresentador Bruno Youn[3] cita a ensaísta Susan Sontag para chamar de "culto" a adoção de regimes assemelhados ao fascismo em países como o Brasil, onde a população decide "não pensar" sobre política, deixando seu destino nas mãos de líderes que os controlam por uma fé quase religiosa, e não pela razão. Durante a palestra, Stanley afirma que o fascismo é uma estratégia de poder

[3] Menos de um ano depois desse evento, Youn seria convidado por sua turma na faculdade para fazer o discurso de formatura – ver em: https://www.youtube.com/watch?v=CkJyeqTC-P4. O discurso se tornou célebre porque Youn é autista e sequer conseguia falar quando era criança. O destaque, tanto nessa palestra como na própria formatura, demonstra que a quebra dos preconceitos com os diferentes na sociedade permite sua maior integração.

baseada em sentimentos como medo e lealdade e cita o Brasil mais duas vezes enquanto explica o que chama de dez pilares do fascismo, incluindo a construção imagética de um passado mítico que nunca existiu (25:15 min), que só é possível por meio da propaganda mentirosa (28:40 min) e do anti-intelectualismo (32:48 min) para que os fatos científicos e as múltiplas perspectivas da verdade não desmintam sua falsa versão da realidade.

Castells, em sua fala apresentada no Seminário Comunicação, Política e Democracia (PALESTRA..., 2019), concorda que isso não acontece apenas no Brasil, mas também em outros países, nos quais boa parte da sociedade tem optado por abrir mão da racionalidade, dos estudos, dos especialistas e da própria ciência em favor das emoções manipuladas pelo senso comum nas trocas de mensagens repletas de *fake news* pelas redes sociais. Ele salienta que isso deixa perplexas as forças democráticas, que parecem não compreender como os extremistas de direita podem ser contra a ciência ou podem acreditar que as mulheres são inferiores, por exemplo. Ora, separar as pessoas entre "nós" e "eles" prometendo a volta do poder a grupos sociais historicamente privilegiados (homens brancos e heterossexuais) que estariam perdendo as regalias para as minorias (mulheres, negros, LGBTQI+, povos originários) é outro dos pilares do fascismo, segundo Stanley (2018). Castells acrescenta que isso convém a quem acredita, a quem tem fé, inclusive por razões de pertencimento, e aí estão, por exemplo, o que ele chama de "religiões obscurantistas". Mas também que isso teria uma raiz emocional e que a análise dessa política emocional é fundamental para entendermos o que se passa em grande parte do mundo.

A apresentação de Castells (PALESTRA.., 2019), abarcou, além da "ditadura sutil", outros elementos que passaram despercebidos pelos jornalistas. O primeiro foi a fundamental relação entre comunicação e poder. O segundo, a origem do verdadeiro poder (e também da comunicação) – que é a mente humana e sua expressão mais profunda e duradora, a persuasão, já que o poder pela coerção sempre será limitado pela revolta de quem é coagido ou, como diz Castells, pelo contrapoder.

> La batalla se juega en la mente de las personas. Y si decimos eso, decimos comunicación, porque lo que define a la especie humana es que somos animales sociales [...] y la comunicación cognitiva y consciente es lo que nos caracteriza y, por consiguinte, las formas de comunicación son decisivas para no solamente entender, si no actuar sobre y transformar las relaciones de poder. Es a través del debate y, por ultimo término, las luchas que se dieran en la mente de las personas como se configuran las relaciones de poder en todas las sociedades. en todas. No es distintivo para nuestra sociedad que haya medios de información y comunicación. Los llamamos así por las transformaciones de

> las tecnologías de la información y la comunicación, pero todas las sociedades de la historia han sido sociedades de información y da comunicación. La información siempre ha sido lo decisivo en el poder y la riqueza, y la comunicación siempre ha sido la forma de construcción del social y, en particular, de las relaciones de poder. (PALESTRA…, 2019, 5:41-7:18 min)

Para Castells, se quisermos lutar contra os retrocessos, é importante compreender esses sentimentos e suas razões, ainda que emotivas, e não nos isolarmos numa elite intelectual que permita a ascensão dos reacionários pelos meios democráticos. Ele lembra que a democracia não garante a liberdade e que Hitler foi eleito democraticamente, assim como a Inglaterra votou no Brexit, os EUA em Trump e há uma ascensão de governos protofascistas em várias democracias europeias. São emoções negativas que se tornaram maioritárias e que impedem, por exemplo, que projetos desenvolvidos por técnicos e especialistas em cima de pesquisas e dados coletados por anos para políticas públicas que melhorariam a vida das pessoas possam ser aprovados. "Se combina esta construcción subjetiva con algo más institucional, más objetivo, que es la crisis de legitimidad política, que tiene causas no solo subjetivas, sino también estructurales" (PALESTRA..., 2019, 21:55-22:11 min). As construções da subjetividade, obviamente, têm a ver com comunicação e, em nosso tempo, com imagens que consumimos e nas quais queremos nos espelhar. Como passamos cada vez mais tempo em ambientes digitais, especialmente as redes sociais, é neles que construímos nossa visão de mundo.

Três dias depois da palestra de Castells, a Netflix estreou no Brasil o documentário *Privacidade hackeada*[4] (EUA, 2019), dirigido por Jehane Noujaim e Karim Amber, que mostra detalhadamente como a empresa britânica Cambridge Analytica capturou os perfis psicológicos de milhões de usuários do Facebook para vender a partidos de direita no mundo todo mapas de eleitores suscetíveis a serem influenciados por *fake news* para mudarem o voto. O esquema foi comprovadamente utilizado tanto no Brexit como na eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, e no Brasil, em 2018 – e não há dúvidas de que foi eficiente. Pior, a ampla maioria conquistada pelo Partido Conservador, do primeiro ministro inglês Boris Johnson, defensor do Brexit mesmo sem acordo com a União Europeia, em dezembro de 2019,[5]

[4] Ficha técnica do filme disponível em: https://filmow.com/privacidade-hackeada-t268405/ficha-tecnica/. Acesso em: 16 set. 2020.
[5] Ver em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50752734.

demonstra claramente que os argumentos racionais ainda não descobriram como derrubar falsas promessas de retorno a uma Inglaterra como potência mundial.

UMA QUESTÃO DE FÉ

Em 2016, Gilberto Miranda Júnior, pesquisador do Centro de Estudos em Filosofia – Cefil, ligado à Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), comparou a peça de acusação da força-tarefa da Operação Lava Jato contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva a respeito da suposta propina em um apartamento na cidade do Guarujá, em São Paulo, com o raciocínio religioso, a partir de uma hipótese abdutiva. Ele lembra que o santo católico Anselmo de Canterbury (que viveu entre 1033 a 1109) teria "provado" a existência de Deus por meio do mais famoso dos argumentos ontológicos: "se seres existentes são superiores a seres inexistentes, e se Deus é o ser superior a todos, logo ele necessariamente tem de existir" (MIRANDA JUNIOR, 2016). O problema dessa lógica argumentativa é trazer a conclusão na premissa. No caso em questão: se todo grande esquema de corrupção tem um chefe e se Lula é o chefe da nação, então ele necessariamente é o chefe do "Petrolão".[6] Não é preciso provar. Aliás, qualquer prova em contrário apenas atestará a sua capacidade de esconder tudo o que poderia incriminá-lo. Isso é dito com todas as palavras pelo procurador federal Roberson Pozzobon, durante a coletiva de imprensa do Ministério Público Federal em 15 de setembro de 2016, ao afirmar que:

> Em se tratando de lavagem de dinheiro, ou seja, em se tratando de uma tentativa de manter as aparências de licitude, não teremos aqui provas cabais de que Lula é o efetivo proprietário no papel do apartamento. Pois justamente o fato dele não figurar como proprietário do triplex, da cobertura no Guarujá, é uma forma de ocultação, de dissimulação da verdadeira propriedade. (COLETIVA..., 2016)

Assim, não importa se a acusação formal não é ser "o chefe máximo" de um esquema de corrupção, conforme mostrava o famoso PowerPoint da coletiva, se o apartamento não poderia ser transferido para Lula, já que era a garantia de um empréstimo bancário, se as investigações não encontraram valores ilegais ou não

[6] Nome dado pela imprensa brasileira ao escândalo de corrupção na estatal Petrobras, investigado pela Operação Lava Jato do Ministério Público Federal, a fim de fazer uma ligação direta com um escândalo anterior nomeado pelo ex-deputado federal Roberto Jefferson como "Mensalão", a partir do qual foram condenados vários dirigentes do Partido dos Trabalhadores.

declarados em suas contas, se o juiz comanda um tribunal longe do local dos fatos ou se a condenação foi por "atos de ofício indeterminados" e sem relação direta com contratos específicos firmados entre a empreiteira e a Petrobras. A culpa, e por consequência a condenação, era certa, e cada protesto seria usado como mais uma indicação de culpa, algo semelhante ao que era feito durante a Inquisição.

No ano passado, o atual presidente brasileiro, Jair Messias Bolsonaro, ao acusar genericamente organizações não governamentais de serem as responsáveis pelas queimadas na Amazônia, utilizou exatamente essa mesma lógica ao responder aos jornalistas que pediam provas da acusação. "Não se tem prova disso, meu Deus do céu. Ninguém escreve isso, vou queimar lá, não existe isso". (SOBRE..., 2019) Na verdade, fazendeiros da região de Novo Progresso, no Pará, falaram, sim, que iriam incendiar a floresta para aumentar suas propriedades, e isso foi escrito como denúncia do jornalista Adécio Piran no jornal *Folha do Progresso*, em 5 de agosto de 2019, 17 dias antes da fala do presidente. Uma imagem midiática para comprovar a tese sem fundamentos, no entanto, seria criada meses depois com a prisão amplamente divulgada em jornais e TVs de quatro voluntários da Brigada contra Incêndios de Alter do Chão, Pará, por supostamente atearem fogo à mata para vender fotos à ONG internacional WWF.[7] Eles foram soltos poucos dias depois e o inquérito contestado pela Polícia Federal, mas o presidente continuou a acusá-los (URIBE, 2019), ligando-os a outras figuras de grande repercussão midiática, como o ator estadunidense Leonardo DiCaprio e a ativista sueca Greta Thunberg, de modo a manter a *fake news* com destaque na mídia mundial.

Por essas e outras, a imagem de Bolsonaro piora a cada dia no Brasil e no exterior. Apenas um núcleo mais duro, de cerca de 12% do eleitorado, seria de "crentes" com fé inabalável no Messias. Em artigo no *Jornal da USP*, em 2019, Reginaldo Prandi, professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, citando análise dos diretores do Instituto Datafolha, Mauro Paulino e Alessandro Janoni, para pesquisa sobre apoio a Bolsonaro, sintomaticamente chama esse grupo de "[...] adeptos fiéis, entusiastas fanáticos, para não dizer adoradores em qualquer circunstância" (PRANDI, 2019). Bolsonaro, o Messias, o Mito, é o oposto de Lula e usou esse antagonismo para conquistar uma eleição baseada em mentiras e

[7] Uma das matérias sobre o caso, incluindo imagem da conta de Twitter do presidente com vídeo do telejornal *Jornal da Band*, em que ele retoma a acusação, pode ser vista em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019-11-28/juiz-estende-prisao-de-voluntarios-de-ong-de-alter-do-chao-em-meio-a-protestos-de-ativistas.html.

fake news, na qual não havia plano declarado que não fosse destruir os inimigos pintados como ameaça aos "valores judaico-cristãos ocidentais", portanto, à família, à moral e ao capitalismo. Não à toa, seu governo tem forte apoio das igrejas e empresas de origem neopentecostal, que usam a força das imagens midiáticas para vender o paraíso aos fiéis consumidores mediante módicas doações mensais chamadas "dízimo".

Contudo, antes de se condenar alguém sem provas cabais é necessário que se crie uma imagem contra a qual não há argumentos (SOUZA, 2019). Desse modo, o "Lula maior ladrão do Brasil" foi construído midiaticamente por anos. Aliás, literalmente, com o "Pixuleco", o boneco inflável de 15 metros e meia tonelada quando cheio, que teve até turnê pelo Brasil, atraindo manifestantes contra o governo para atos de rua e dando visibilidade midiática a manifestações quase que sem presença do público.[8] Além de "imaginar" Lula como bandido preso antes de efetivamente ser condenado, era preciso também "satanizar" a figura do ex-presidente e, para isso, foram fundamentais as performances, em tudo visualmente semelhantes aos cultos de igrejas neopentecostais, da hoje deputada estadual por São Paulo Janaina Paschoal. A mais célebre, provavelmente, foi sua participação no evento "Juristas pelo Impeachment", na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, da Universidade de São Paulo, a mais antiga do país, em 4 de abril de 2016. Nela, a advogada, que defendeu no Congresso Nacional a tese de crime de responsabilidade da ex-presidenta Dilma Rousseff para justificar juridicamente o *impeachment*, o que ela mesma veio a negar mais tarde em um tuíte,[9] gira uma bandeira do Brasil sobre a cabeça e grita que havia acabado "a república da cobra". "Não vamos deixar essa cobra continuar dominando. [...] Se isso acontece, Deus manda uma legião para cortar as asas da cobra", (ACABOU..., 2016, 2:08 min) disse então Paschoal, que, por diversas vezes, inclusive durante a sessão do Senado que ouviu a acusação contra Dilma, levantou nas mãos um exemplar da Constituição Brasileira chamando-a de "livro sagrado que o PT não assinou".

A cobra, como se sabe, é a imagem bíblica que representa a tentação ao pecado original, convencendo a primeira mulher, Eva, que, por sua vez, convence o primeiro homem, Adão, a experimentar o fruto proibido da árvore do conhecimento do bem e do

[8] Em minha tese de doutorado *Imagens vencedoras:* fotojornalismo e os processos de produção de realidades e invisibilidades midiáticas (SOUZA, 2016, p. 159) já havia um relato sobre a dificuldade de se argumentar contra a imagem do ex-presidente vestido de presidiário, mesmo antes de ele ser sequer indiciado por qualquer crime.

[9] Veja em: https://catracalivre.com.br/cidadania/janaina-paschoal-admite-que-dilma-nao-caiu-por-pedaladas-fiscais/.

mal. A partir daí, segundo os relatos supostamente escritos por Moisés no livro bíblico do Gênesis, a humanidade é expulsa do paraíso e começa a se afastar de Deus. Os homens já não seguem mais a Sua vontade, que passa a falar conosco cada vez mais raramente, até que Moisés escreve a Palavra de Deus no Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia cristã e a base da Torá judaica. A referência à Constituição Brasileira como "livro sagrado" garantiria, aos olhos dos "crentes", a certeza de que a advogada Janaina iria sempre seguir o que ali está escrito para fazer justiça, do mesmo modo que o pastor de uma igreja estaria comprometido com a palavra de Deus para guiar os fiéis.

Além das performances visuais citadas, Janaina Paschoal adota vestimentas, corte de cabelo e adornos, como um grande crucifixo com a palavra "fé" escrita, que ajudam a criar essa imagem de crente defensora da moral e dos bons costumes. Com o raciocínio dos espectadores obscurecido pela imagem, (FLUSSER, 2009) não importa o conteúdo do discurso que ela proclama, ainda que claramente preconceituoso e desprovido de argumentos científicos. Um exemplo claro disso foi o debate entre ela e a ginecologista Larissa Flosi, no *Jornal da Cultura* de 5 de setembro de 2019,[10] sobre o projeto de lei proposto pela deputada na Assembleia Legislativa de São Paulo contra a terapia hormonal para menores de 18 anos com diagnóstico de transexualidade.

Aqui temos o primeiro grande paradoxo. Desde a Reforma Protestante, liderada por Martinho Lutero no século XVI, em grande parte decorrente da nova tecnologia de comunicação que permitia a impressão de livros em vez das cópias manuscritas, os cristãos conhecem os perigos de se deixar guiar por interpretações maliciosas dos textos bíblicos. Henrique Vieira (2018) lembra que o fundamentalismo se baseia no conceito de verdade absoluta e inquestionável.

> A partir da formulação 'está escrito', constrói-se uma visão de mundo, um modelo comportamental, [...] [que desconsidera] totalmente que toda leitura é uma interpretação e que toda interpretação está mediada por um contexto histórico e cultural. [...] Em nome do 'está escrito' ou do isolamento dos textos de seus contextos, atrocidades já foram cometidas ao longo da história: mulheres nas fogueiras da Inquisição; cruzadas sanguinárias em perspectiva de conquista; genocídio de povos indígenas, escravidão do povo negro; construção de ambientes asfixiantes para populações LGBT e tantas outras realidades insensíveis à vida e à dignidade humana. O texto pelo texto, sem contexto, pode gerar práticas impiedosas pretensamente em nome de Deus. Trata-se de uma verdade absoluta mediada por uma espécie de literalidade bíblica. Daí se extrai uma doutrina percebida como a vontade de Deus. [...] Questioná-la seria questionar o próprio Deus. (VIEIRA, 2018, p. 92)

[10] Ver em: https://www.youtube.com/watch?v=XRt8u_kOTUo.

Em outro capítulo do mesmo livro (*O ódio como política*, 2018, p. 74), o doutor em Direito Rubens Casara, explica a diferença ontológica entre a norma e o texto jurídico, sendo que a primeira representa sempre a ação do intérprete condicionada a uma determinada tradição, que, no caso do Brasil, é autoritária e preconceituosa quanto à origem social dos afetados. Segundo ele, não raro aquele considerado pela mídia hegemônica como o "bom juiz" pratica um ativismo judiciário no qual o texto jurídico muitas vezes atrapalharia a eficiência do (Deus) mercado e do Estado. A sua interpretação, então, referendada pela opinião publicada nos jornais que criam sua imagem como sendo a de um herói da justiça, das tradições, da família e da igreja, garantiria aplicações de decisões e condenações que não necessariamente estariam respaldadas pelos textos jurídicos. Quando se junta fundamentalismo religioso e fundamentalismo jurídico está aberto o caminho para o fascismo.

OS TEXTOS COMO SE FOSSEM IMAGENS

Aqui está o segundo grande paradoxo de nossa época: o fundamentalismo político/religioso que adora imagens construído por pessoas que dizem seguir religiões nas quais a adoração às imagens é expressamente proibida. Diversos versículos bíblicos, tanto do Novo como do Velho Testamento, trazem esse mandamento. Em Êxodo, capítulo 20, versículos 3 a 6, por exemplo, temos:

> Não terás outros deuses além de mim. Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na terra, ou nas águas debaixo da terra. Não te prostrarás diante deles nem lhes prestarás culto, porque eu, o Senhor, o teu Deus, sou Deus zeloso, que castigo os filhos pelos pecados de seus pais até a terceira e quarta geração daqueles que me desprezam, mas trato com bondade até mil gerações aos que me amam e obedecem meus mandamentos. (BÍBLIA..., [200-])

Já na Epístola de Paulo aos Romanos, capítulo 1, versos 22 e 23, vemos que:

> Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos e trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis. (BÍBLIA..., [200-])

Entre as religiões cristãs, o catolicismo há séculos aceita e promove o culto a imagens de santos. Não por acaso, nossa colonização pelo império português católico

levou a situações como a "Padroeira do Brasil", Nossa Senhora Aparecida, ser literalmente uma imagem física, uma escultura, que milhares de peregrinos viajam por dias para ver e tocar em 12 de outubro.

Como é possível que uma parte da população identificada com um texto que proíbe o culto às imagens acredite em políticos que usam as imagens para apoiar políticas contrárias ao que está escrito nos evangelhos? Segundo Flusser (2008), quando as pessoas se prendem ao fascínio mágico das imagens, reforçam seus próprios preconceitos e não são convencidas por argumentos racionais, sejam quais forem. Se isso funciona nas imagens estáticas, também funciona nas imagens em movimento. No pensamento baseado em imagens, o mágico-imagético-circular, o olhar gira sobre a imagem e capta de uma só vez o seu significado. As pessoas buscam nos textos (tanto escritos quanto orais, no vídeo) que acompanham as imagens apenas a confirmação dos significados já identificados, ignorando quaisquer informações contraditórias. Esse tipo de pensamento, portanto, é pouco adequado à argumentação e à aquisição de novos conhecimentos. Já o modo de pensamento baseado em textos, o tempo-histórico-linear, pressupõe a correlação de fatos e informações coerentes e sequenciais para fazer sentido.

Considero que a questão é ainda mais profunda. A profusão das imagens técnicas em que estamos imersos desde o advento da fotografia no século XIX e, especialmente, a partir das tecnologias digitais nos últimos 30 anos, está nos empurrando a ler os próprios textos como se fossem imagens. Em vez de seguirmos a linha textual para compreender e concordar, ou não, com as causas e consequências do raciocínio apresentado, estamos circulando nosso olhar nos blocos textuais para "pescar" as palavras mais significativas dentro de nossas opiniões já formadas sobre o tema e/ou o autor, de modo a confirmar esses preconceitos sem deixar margem para contestação.

Um exemplo claro disso foi o embate entre as mensagens trocadas pelos procuradores e o juiz da Operação Lava Jato publicadas pelo *site The Intercept Brasil*[11] em parceria com alguns dos mais tradicionais veículos de comunicação do país, tanto alinhados à esquerda como à direita, e os supostos vazamentos de conversas entre o premiado jornalista Glenn Greenwald, seu marido, o deputado federal David Miranda, e outros políticos de esquerda, como o ex-deputado autoexilado Jean Wyllys (de quem

[11] Disponível em: https://theintercept.com/series/mensagens-lava-jato/. Acesso em: 13 set. 2020.

Miranda era suplente) e o deputado federal Marcelo Freixo, os três do PSOL do Rio de Janeiro, conversas essas publicadas numa conta do *microblog* Twitter mantida por uma figura com o pseudônimo "Pavão Misterioso".[12]

Não existe, a rigor, qualquer diferença entre a captura de imagem de uma conversa no WhatsApp feita pelo *Intercept* e pelo Pavão. O diferente é o texto, sua origem, sua intenção e suas consequências. Se eu vejo os textos apenas como o que pretendem mostrar (crimes sendo cometidos), eles são equivalentes. A partir da leitura mágico-imagética-circular do texto, quem previamente acredita que Lula é um ladrão tende a dar mais credibilidade às imagens veiculadas pelo Pavão, porque confirmam sua crença. Para essa pessoa, o fato de Greenwald ter um prêmio Pulitzer, um Esso e um Oscar pelo documentário *Citizenfour*, que mostra os vazamentos de espionagens feitas pela Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos (NSA) em todo o mundo, não significa absolutamente nada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa vida e nossas relações são cada vez mais vivenciadas e construídas nos ambientes digitais, que valorizam a experiência visual sobre as demais formas de apreensão de informações. Portanto, a atual troca da razão pela emoção nas decisões políticas certamente tem um forte vínculo com as redes sociais, mas isso vem sendo feito há milênios por diferentes formas de comunicação, especialmente para separar os indivíduos em grupos e hierarquizá-los de modo a dominá-los, seja com argumentos religiosos, seja com teorias pseudocientíficas (como a falsa superioridade de homens sobre mulheres e de brancos sobre negros). Contudo, se nunca houve muitas possibilidades de experimentar fisicamente em primeira realidade tridimensional (SOUZA, 2018, 2019) os grandes acontecimentos representados pelo jornalismo, a própria materialidade das informações, antigamente transmitida por fotografias bidimensionais ou textos unidimensionais, (FLUSSER, 2008) perdeu-se com a comunicação mediada por aparelhos eletroeletrônicos. Como praticamente todas as informações que consumimos hoje vêm por meio de imagens nas mídias digitais, não há mais sequer a aura da obra original de que falava Benjamin (1994). Tudo é zero e um.

[12] A conta @opavaomisterioso foi suspensa do microblog, mas as reproduções das mensagens podem ser facilmente acessadas em canais do Youtube como o Real Direita Brasil. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCUI4FGI_MTdpwYQH3jnPixA. Acesso em: 13 set 2020.

Tudo é superficial. Tudo é virtual. E tudo é imagem, lida de forma mágico-imagética-circular, inclusive os textos em mensagens de WhatsApp, Twitter ou Facebook.

Assim como há uma crise de legitimidade na democracia burguesa atual, nenhuma instituição, nenhum estudioso, artista, jornalista, político, religioso, *a priori*, tem legitimidade. Já não há consensos sobre a realidade ou os fatos. Os cientistas são incapazes de convencer os terraplanistas de que o planeta tem uma forma quase esférica, porque eles acreditam em imagens do YouTube que mostram que se trata de uma grande conspiração que teria forjado até a descida do homem na lua. Ou temos uma fé idólatra no que vemos com nossos olhos, porque as supostas informações vêm de encontro às nossas crenças e preconceitos (viés de confirmação), ou as descartamos por outras mais adequadas à nossa visão de mundo. Desse modo, assim como ocorreu com o rádio e o cinema durante a República de Weimar na Alemanha dos anos 1930, as novas tecnologias de informação e comunicação estão fornecendo ferramentas para que grupos fascistas ou protofascistas construam e disseminem imagens, visuais ou textuais, que atingem fortemente as emoções mais básicas, como medo e ódio, de grandes parcelas da população.

Se somos bombardeados por *fake news* que combinam com nossos preconceitos, passamos a desconfiar das informações discordantes, ainda que vindas de conhecimentos consolidados, como o formato da Terra, documentos históricos, pesquisas com bons métodos, etc. Não acho que seja possível, nesse ponto da história, retornar, de forma hegemônica, ao modo de pensamento tempo-histórico-linear. Mas há outras maneiras de se demonstrar as causas e consequências das atitudes ao longo do tempo, inclusive através de imagens. O contato com a primeira realidade, o ir a campo para apurar a notícia, portanto, continua sendo essencial para o trabalho jornalístico. Na sala de aula, os professores de comunicação têm a obrigação de trabalhar esses conteúdos e as teorias sobre eles para preparar melhor os futuros jornalistas, publicitários e comunicadores. Mais do que isso: as escolas primárias e de Ensino Médio devem incluir em seus currículos matérias sobre literacia midiática para ajudar os futuros cidadãos a navegar neste mundo de imagens ilusórias, fluidas e manipuladoras. E, sempre que possível, trazer à escola quem lida diretamente com os fatos no seu dia a dia e levar os alunos para ver e tocar a primeira realidade sem a mediação de telas ou livros.

REFERÊNCIAS

'ACABOU a República da Cobra', diz Janaina Paschoal, autora do pedido de impeachment [*S. l.: s. n.*], 5 set. 2016. 1 vídeo (2,38 min). Publicado pelo canal Portal O Tempo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3pnzzeJhjMk. Acesso em: 15 julho. 2020.

BARTHES, R. A mensagem fotográfica. *In*: BARTHES, R. *O óbvio e o obtuso*. Tradução Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas).

BÍBLIA Sagrada Online. [*S. l.*: *s.n.*], [200-]. Disponível em: https://www.suabiblia.com/idolatria_de_imagens/. Acesso em: 10 set. 2020.

CASARA, R. Precisamos falar da direita jurídica. *In*: GALLEGO, E. S. (org.). *O ódio como política*: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 71-78.

COLETIVA da Lava Jato denuncia: Lula é o chefão. [*S. l.: s. n.*], 15 set. 2016. 1 vídeo (1 h 59 min). Publicado pelo canal Celia Barcellos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=LulFNRwV00c. Acesso em: 16 set. 2020.

FLUSSER, V. *O universo das imagens técnicas*: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

FLUSSER, V. *Filosofia da caixa preta*: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Sinergia: Relume-Dumará, 2009.

JANAINA Paschoal admite que Dilma não caiu por pedaladas fiscais. *Catraca livre*, [*s. l.*], 14 set. 2019. Disponível em: https://catracalivre.com.br/cidadania/janaina-paschoal-admite-que-dilma-nao-caiu-por-pedaladas-fiscais/. Acesso em: 19 set. 2020.

JASON Stanley. [*S. l.: s. n.*], [2018]. 1 vídeo (1 h 15 min). Publicado pelo canal Claremont McKenna College. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aHGCen_h_xE. Acesso em: 14 abril. 2020.

MIRANDA JUNIOR, G. O argumento ontológico abdutivo de Dallagnol: ou da falácia do uso da conclusão como premissa. *Revista Krinos*, [*s. l.*], 16 set. 2016. Disponível em: https://medium.com/revista-krinos/argumento-dallagnol-5bd9b7a565a1/. Acesso em: 17 set. 2020.

PALESTRA de Manoel Castells na FGV - Seminário Comunicação, Política e Democracia. [*S. l.: s. n.*], 17 jul. 2019. 1 vídeo (59 min). Publicado pelo canal andreresende. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yxxQhzH44xE. Acesso em: 16 set. 2020.

PIRAN, A. Dia do Fogo - Produtores planejam data para queimada na região. *Jornal Folha do Progresso*, [*s. l.*], 5 ago. 2019. Disponível em: http://www.folhadoprogresso.com.br/dia-do-fogo-produtores-planejam-data-para-queimada-na-regiao/. Acesso em: 19 set. 2020.

PRANDI, R. Os 12% do presidente – em que lugar da sociedade habita o bolsonarista convicto? *Jornal da USP*, São Paulo, 13 set. 2019. Disponível em: https://jornal.usp.br/artigos/os-12-do-presidente-em-que-lugar-da-sociedade-habita-o-bolsonarista-convicto/. Acesso em: 14 set. 2020.

PRIVACIDADE hackeada. Direção: Jehane Noujaim e Karim Amer. Estados Unidos: Netflix, 2019. (2 h 19 min), color.

SOBRE as queimadas na Amazônia. [*S. l.*], 22 ago. 2020. Twitter: @HaddadDebochado. Disponível em: https://twitter.com/haddadebochado/status/1164573574541271042. Acesso em: 19 set. 2019.

SOUZA, V. *Imagens vencedoras:* fotojornalismo e os processos de produção de realidades e invisibilidades midiáticas. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Paulista, São Paulo, 2016. Disponível em: https://www.unip.br/presencial/ensino/pos_graduacao/strictosensu/comunicacao/download/com_viniciuspereiradesouza.pdf. Acesso em: 8 abr. 2020.

SOUZA, V. Quer que desenhe? A leitura de textos como se fossem imagens. *In*: SOUSA, J. P. (org.). *Jornalismo e estudos mediáticos*: memórias. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2018. p. 121-135.

SOUZA, V. Contra fotos não há argumentos: Influência das imagens nas *fake news* e seu impacto nos fluxos comunicacionais e na atual crise democrática. *In*: SOUSA, J. P. (org.). *Jornalismo e estudos mediáticos*: memórias II. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2019. p. 99-110.

(A) TERRA é plana. Direção: Daniel J. Clark. Estados Unidos: Netflix, 2018. (1 h 35 min), color.

URIBE, G. Bolsonaro elogia inquérito polêmico que levou à prisão brigadistas de Alter do Chão. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 dez. 2019. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/12/bolsonaro-elogia-inquerito-polemico-que-levou-a-prisao-brigadistas-de-alter-do-chao.shtml. Acesso em: 15 abril. 2020.

VIEIRA, H. Fundamentalismo e extremismo não esgotam experiência do sagrado nas religiões. *In*: GALLEGO, E. S. (org.). *O ódio como política*: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 91-96.